

Camminando con te, Main

Pellegrinaggio virtuale verso Mornese



A VIDA NASCIDA DO AMOR (1837-1848)

Mornese. Uma pequena aldeia que traz à memória uma outra, rural, nas colinas da Galileia. Casas humildes, caminhos, poços, uma terra sem estabilidade, invadida pelo domínio estrangeiro. Nazaré, do verbo hebraico *nāšar*: defender, fazer de sentinela.

Mornese. Outra *“pequena aldeia nas colinas do Monferrato, na diocese de Acqui. Localizada não muito longe da cidade, mas fora de mão, de forma a não atrair nenhuma empresa comercial e não poder ser atingida por nenhuma rede ferroviária”*.

Hoje, município da província de Alessandria, tem origens antigas. Referido num documento de 1188, como Polinésia, era um feudo dos Doria, Senhores de Génova e do amplo território. Na década dos anos '30 de 1800, Mornese vivia as consequências difíceis de uma situação política instável, de guerras do pós-independência, dificuldades económicas, fome, epidemias recorrentes. Além disso, a dominação estrangeira não está longe. Neste contexto, em Mornese, como há muito tempo antes em Nazaré, do amor de uma família nasce uma criança. Duas aldeias, duas famílias, duas moradas destinadas a cuidar de duas vidas diferentes, mas ambas extraordinárias.

A família Mazzarello e os Mazzarelli

“Alguns grupos de casas chamadas os Mazzarelli, de sobrenome comum a várias famílias que moram ali. São três frações, a poucos minutos umas das outras. O povo chama às primeiras os Mazzarelli daqui, às segundas os do meio, e às terceiras, a leste, os Mazzarelli de lá”. Esta é a aldeia que se torna o "berço" onde inicia a história de Main, envolvida numa grande fé em Maria Auxiliadora.

Em 1815, o Papa Pio VII solenizou a devoção a Nossa Senhora com o título de "Auxiliadora dos Cristãos", em ação de graças à Virgem pela sua libertação, após a sua prisão durante as guerras napoleónicas. No povoado de os Mazzarelli, entre 1835-'36, iniciou-se a construção de uma capela, dedicada a Maria Auxiliadora e a São Lourenço, Mártir. O Maccono especifica que *“a igreja branca com uma pequena torre sineira quadrada” se erguia “a cento e vinte metros”* distante da casa Mazzarello. A aldeia foi atingida pela cólera em 1836, houve muitas mortes e José acolheu a sua neta, Domingas, órfã, em sua casa. A capela foi inaugurada oficialmente em 1843: Main nasceu e cresceu sob o olhar de Maria Auxiliadora.

Todos devemos o dom da vida aos nossos pais, à família que nos chamou à existência. Quem eram os pais, a família de Maria Domingas?

“A casa alta e branca”, onde Main nascerá, acolheu a sua família e a de dois tios paternos quando ela veio à luz. O papá, José, era um agricultor honesto e trabalhador, sábio e crente sincero. A Mãe, Maria Madalena Calcagno, era uma mulher de profunda fé, de caráter fioso, espirituoso e prático, devota de Nossa Senhora. Poder-se-ia chamar como o "Administrador delegado" da família, e a sua era numerosa: Maria Domingas, de facto, será a primeira de treze filhos. No dia 9 de maio de 1937, deu-se o feliz acontecimento: nasce a filha mais velha que recebeu o nome de Maria Domingas. A pequena foi batizada no mesmo dia e começou assim a sua aventura neste mundo.

José, homem de autoridade e afetuoso, detém o importante papel de educador da sua filha (*“Se em mim há alguma virtude, devo-a a ele”*), a mãe, Maria Madalena, cuida da família, dos filhos e da sua educação à fé.

Naqueles anos, aquele contexto familiar era comum e, ao mesmo tempo, previsível. As famílias não viviam a experiência da desintegração atual, mas nem sempre reinava o amor e o respeito em casa. Numa sociedade patriarcal, as mulheres eram submissas aos homens, analfabetas. O "modelo" era o da esposa/mãe/dona de casa dedicada e obediente. Normalmente, a fé era "uma questão de mulheres": a educação dos filhos, inclusive a educação cristã, era entregue às mães. A família em que Maria Domingas cresceu talvez se possa definir como "um oásis feliz" ou um dom da Providência.

“O casal era seriamente cumpridor dos seus deveres de pais cristãos. Por isso, consideraram sempre os seus filhos como uma entrega sagrada do Céu, da qual um dia teriam de prestar contas sérias, e tiveram todo o cuidado em educá-los no santo temor de Deus”.

As relações familiares eram afetuosas e, embora José e Madalena fossem duas pessoas simples, transmitiam aos filhos o testemunho de uma **fé cristã rigorosa e enraizada serenamente na vida quotidiana familiar**.

Camminando con te, Main

“Um dia – afirmou Madre Petronilla – ela contou-me que, de pequena, havia perguntado ao pai o que fazia Deus antes de criar o mundo, e o pai respondeu: que fazia? contemplava a Si mesmo, amava a Si mesmo, e era bem-aventurado em Si mesmo. E aquela resposta ficou-lhe muito gravada na sua mente e nunca mais a esqueceu” (Visão sequencial do filme).

É significativo este episódio em que pai e filha contemplam o céu estrelado. Um momento de intimidade e confiança em que José passa o “testemunho” de fé à sua filha. Maria Domingas viverá e fará sua a riqueza da experiência familiar.

O crescimento humano e cristão de Main parece ser marcado, quase... profeticamente pela espiritualidade de São Francisco de Sales. Ele também cresceu numa família cristã e católica, educado na fé por seus pais. Uma escolha corajosa porque, naqueles tempos de confronto entre católicos e protestantes, escolher significava "ser tendencioso" e correr riscos. No Humanismo Cristão de São Francisco de Sales, encontramos alguns dos "ingredientes" com os quais a fé de Main foi cuidadosamente preparada por seus pais: a percepção de um Deus próximo do homem e que confia no homem; a fé como Verbo incarnado, que fala à humanidade (a caridade pastoral de São Francisco de Sales pode considerar-se "o equivalente" ao "zelo pastoral" de Dom Bosco e da "caridade na liberdade" de Main); a vontade de tecer relações e construir o diálogo, em todas as circunstâncias, num trabalho paciente de ecumenismo. Tendo em conta as várias épocas históricas, na espiritualidade deste Santo, existiam já as "sementes" da sinodalidade: acolhimento, diálogo, valorização das diferenças para caminhar, todos irmãos e irmãs, ao encontro de um Deus, Pai de misericórdia. (O "Albergue das Virtudes": a ideia de uma comunhão de diferentes carismas)

A fé de Main insere-se completamente neste contexto espiritual.

Mornese e os Mazzarelli, lugares do “Sim”

Viva e inteligente, Maria Domingas cresceu e amadureceu. A educação à fé dos pais é exemplar:

“Eles não a perderam de vista; queriam que ela fosse obediente, piedosa, modesta, mortificada; e, sabendo que as crianças são imitadoras, e que, mais do que ordens, advertências e conselhos, cuja importância não entendem, mas dão atenção aos factos, oferecem-lhes testemunhos da sua própria vida, modelo de todas as virtudes, com a oração e o trabalho, o respeito e a compreensão mútua”

Para Main esta fase da vida é também o tempo de muitos “Sins” pronunciados com fé que evocam a comparação de Mornese com... Nazaré.

- **Sim à vida.** Após a experiência de ser acolhida e amada, Main saberá comunicar esta experiência a todos aqueles que dela se vierem a aproximar;
- **Sim à fé.** Vivida como dimensão prioritária da existência, na serenidade alegre de quem percebe a dimensão espiritual, como experiência de amor infinito, misericórdia e contraponto pontual da vida quotidiana;
- **Sim à prova.** Para Maria Domingas, desde pequena, foram-lhe ensinados os valores educativos para os assimilar, mesmo com sacrifício. Cuidado e responsabilidade tornam-se a combinação essencial do amor gratuito de Main. "Trabalha" sobre si mesma, com grande tenacidade: Maria Domingas, de facto, não nasceu santa! Imaginá-la rapariga, mansa, jovem, “santinha”, é grande erro. Ela era vivaz, inteligente, com uma vontade de ferro. Mas aprenderá a modelar esses aspetos do seu caráter à luz dos valores evangélicos que florescerão numa humildade, que não é nenhuma submissão morna, mas uma abordagem amorosa para com todos. A cada apelo de Deus na sua vida, Main pronunciará sempre o seu sim em plena consciência e total gratuidade.

Um ponto de reflexão sobre os tempos que correm: Tempo em que se perde o valor do sacrifício e do esforço, em que se tende a simplificar, sempre e em qualquer situação, as dificuldades aos filhos, eliminando obstáculos... Main e a sua família têm ainda muito a dizer-nos hoje, às nossas famílias, às nossas estratégias educativas...

Concluo, deixando de presente três palavras, herança do casal Mazzarello, de Main e evocadas, nos últimos dias, pelos filhos de David Sassoli, durante as exéquias fúnebres do pai:

"Dignidade: num mundo de desculpas e justificações, a única maneira de lutar é continuar a trabalhar, a saber alimentar paixões sem fim, sorrindo. Paixão. É cultivar a sensibilidade e o cuidado com as pequenas coisas, com a história das pessoas, conscientes de que podemos sempre aprender com cada um e que cada um merece ser ouvido. E, finalmente, o Amor, talvez o mais banal, mas é a palavra repetida com maior frequência, com as últimas forças como um grito, como uma exortação. Até ao fim, nos falaste de esperança".

Dignidade, paixão e amor. Três SINS, os mesmos que somos chamados a pronunciar hoje.